

“CARA DE EMPREGADINHA”: O DIMINUTIVO COMO AÇÃO DEPRECIATIVA DA MULHER E FERRAMENTA DE IMPOLIDEZ LINGUÍSTICA

Amanda Carvalho de Oliveira¹, Geórgia Maria Feitosa e Paiva²

Resumo: A expressão de sentimentos e posicionamentos acerca de temas diversos vem ganhando notoriedade nos sites de redes sociais. Apesar de isso ser um avanço, frente a longos períodos de censura, muito do que se lê nesses sites ultrapassam os limites da liberdade de expressão; trata-se de expressões pouco solidárias e ofensivas. O presente artigo visa compreender de que forma e até que ponto os comentários realizados no site de rede social twitter sobre a vencedora do concurso Miss Brasil 2017, Monalysa Alcântara, operam como atos de preconceito e racismo, como afirmou a grande mídia. Para tanto, será realizada uma revisão das teorias da polidez (BROWN; LEVINSON, 1987) e impolidez linguística (CULPEPER, 2005) para auxiliar na identificação de possíveis atos ofensivos a modelo. Trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva dos comentários realizados no Twitter e jornais que noticiaram a possível manifestação racista. A análise pautará sobre a inter-relação entre o uso do diminutivo no português brasileiro e a verificação da expressão pejorativa como indicador de preconceito e/ou racismo. Os resultados preliminares demonstraram que o uso do diminutivo na expressão “cara de empregadinha” assume o caráter ofensivo, e, portanto impolido, pois ridiculariza o sujeito referente. Em “Cara de empregadinha” nota-se que há uma expressão pejorativa na semântica do sufixo -inha e que expressa além de tamanho reduzido, outros valores como afetividade e avaliação. As pesquisas sociolingüísticas realizadas por Lakoff (1973) e Fishman (1973) apontam que termos ou expressões em diminutivos são pronunciados significativamente pelo gênero feminino e contra esse gênero também. Tendo em vista o contexto ao qual foi enunciada, a ofensa se agrava, pois pode estar associada a um preconceito contra o gênero feminino e ao nordestino.

Palavras-chave: (Im)polidez Linguística. Preconceito. Racismo. Mulher. Redes Sociais.

¹Aluna do 4º período do curso de Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e bolsista PIBIC UNILAB do projeto “A (im)polidez linguística como exercício do racismo nas redes sociais” amandinha_aco@yahoo.com.br

²Professora Adjunto A do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e coordenadora do projeto de pesquisa “A (im)polidez linguística como exercício do racismo nas redes sociais” georgiafeitosa@unilab.edu.br